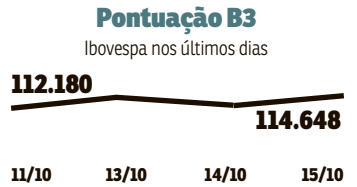




Bolsas
Na sexta-feira
<b>1,29%</b>
São Paulo
<b>1,09%</b>
Nova York



**Salário mínimo**

**R\$ 1.100**

**Dólar**

Na sexta-feira

**R\$ 5,454**

(▼1,11%)

Dólar	Últimas cotações (em R\$)
7/outubro	5,517
8/outubro	5,516
11/outubro	5,537
13/outubro	5,509
14/outubro	5,516

**Euro**

Comercial, venda na sexta-feira

**R\$ 6,329**

**Capital de giro**

Na sexta-feira

**6,76%**

**CDB**

Prefixado 30 dias (ao ano)

**6,73%**

Inflação	ÍPCA do IBGE (em %)
Maio/2021	0,83
Junho/2021	0,53
Julho/2021	0,96
Agosto/2021	0,87
Setembro/2021	1,16

**CONJUNTURA /** Carestia muda drasticamente a vida das famílias de baixa renda no Brasil. Fila por ossos, roubo de comida e acidente com fogão a lenha são cenas frequentes que refletem a perda de poder aquisitivo

# Retrocesso social no século 21

» FERNANDA FERNANDES  
» BERNARDO LIMA\*

A inflação crescente e sem freio atingiu em cheio os mais pobres, e os retrocessos sociais estão mais evidentes. Em vez do gás de cozinha, fogão a lenha. No lugar da carne no prato, ossos que antes iam para os cachorros e pé de galinha, quando o dinheiro dá para comprar. A energia elétrica foi substituída por velas e lâmparinas. Já o carro e o ônibus foram trocados pela bicicleta reformada ou mesmo por longas caminhadas. Essa é a realidade sombria de muitos brasileiros. Nem a ajuda do governo, quando vem, dá um alívio às famílias menos privilegiadas.

É o caso da moradora do Paranoá, Antonia Ladyjane Silva, 34 anos, que tem sentido o peso do dragão da inflação no bolso. Monitora educacional voluntária, recebe apenas o auxílio para passagem e lanche no valor diário de R\$ 30, valor que ela economiza, indo e voltando a pé da escola onde trabalha, e levando comida de casa. No fim do mês, acumula cerca de R\$ 600 e, com uma ajuda que recebe de uma Organização Não-Governamental (ONG), vem garantido o sustento da família, composta por ela, os dois filhos menores de idade e o marido, atualmente desempregado.

“Tudo vai embora nas contas. A da água está vindo R\$ 220 por mês, porque eu tive que renegociar uma dívida que estava acumulada. Na de luz, estamos pagando quase R\$ 100, apenas com uma TV e uma geladeira. Os alimentos, nem se fala: leite, arroz, óleo, feijão e até o flocão (flocos de milho), que era R\$ 0,99 foi para R\$ 2,50. Tudo está caro”, detalha

Antonia que, assim como outras 1,2 milhão de pessoas, aguarda para participar do Bolsa Família.

O último dado do Indicador de Inflação por Faixa de Renda do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), referente ao mês de setembro, revelou que a inflação continua mais acentuada para as famílias de renda muito baixa 1,30%, comparativamente à apurada no grupo de renda mais elevada, de 1,09%. Essa taxa está abaixo da inflação oficial de setembro medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que subiu 1,16% em relação a agosto e acumula alta de 10,25% em 12 meses. Analistas reconhecem que o custo de vida não deve cair facilmente, porque a inflação está muito disseminada na economia, atingindo a maioria dos itens de consumo da população.

Antonia, que sonha em ser pedagoga um dia, se emociona ao falar dos filhos e do que gostaria de oferecer a eles. “As contas não deixam a gente pensar nos estudos ou no lazer. Tem hora que eu penso que é difícil você se manter e ser feliz ao mesmo tempo. Isso é o que mais dói, mas eu não sou de reclamar”, desabafa.

## Recorde

A assistente social Lara Montenegro tem acompanhado de perto o desespero de famílias como a monitora Antonia. Coordenadora da “Rede Solidária Entre Nós”, que ajuda famílias com doação de cestas básicas e a mapear os lares mais carentes para recebimento de assistência social do governo. A especialista afirma que, somente na capital federal, mais de 170 mil

Fernanda Fernandes/CB/D.A Press



Antonia Silva garante o sustento da família indo a pé ao trabalho

pessoas aguardam para serem atendidas nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), número recorde.

Fátima, que prefere dizer apenas o primeiro nome e não tirar fotos, tem medo que isso possa prejudicar sua situação junto ao Cadastro Único, para recebimento do auxílio assistencial. Ela é uma das 177 mil pessoas na fila de espera por atendimento em um dos CRAS da Capital. A moradora do DF tem enfrentado dificuldades ao lado dos dois filhos menores de idade e do marido, desempregado como ela. “Além de ser desgastante, fico ansiosa todo dia por uma ligação que pode nunca chegar, isso é muito dolorido”, diz, sobre a espera por resposta sobre a solicitação feita em abril deste ano, junto ao go-

verno. Até que o cadastro seja aceito, ela conta que a família tem feito de tudo para que não falte o básico em casa, além de contar com a ajuda de terceiros. “A carne agora não é para todo dia, ultimamente estamos consumindo bastante ovo, que também não está barato,

mas é melhor comprar uma cartela de ovo do que um quilo de carne”, relata, junto ao filho mais novo, Enzo, de 9 anos, diagnosticado com espectro de autismo.

A carestia tem tornado comuns cenas devastadoras que chocaram o país, como a de uma fila gigantesca para receber doação de ossos em um açougue em Cuiabá (MT). Na cidade de Anápolis (GO), uma família se queimou, recentemente, ao tentar acender um fogão a lenha com álcool, por falta de gás. Outro caso emblemático foi o de uma mãe de cinco filhos que foi presa por furtar, na última semana, dois pacotes de macarrão instantâneo, um refrigerante e um sachê de suco em pó em um supermercado na Zona Sul de São Paulo. “Roubei porque estava com fome”, argumentou, ao ser detida.

“O Estado não cumpre o seu papel em garantir condições dignas de sobrevivência a todos os cidadãos brasileiros. Mas não tem trabalho de sociedade civil que dê conta de fazer o que é papel do Estado. Há mais de 120 milhões de brasileiros em situação de insegurança alimentar, e somente programas de distribuição de renda em grande escala darão conta de responder às ne-

cessidades básicas dessa enorme parcela da população”, avalia a assistente Lara Montenegro.

O professor-associado do Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo (USP) Célio Bermann concorda que há incapacidade do governo em gerir questões como, por exemplo, a crise hídrica. “A gente nota uma incapacidade de lidar de forma adequada e técnica na questão da escassez hídrica e do aumento tarifário, tentando atenuar as consequências dessa escassez com aumento tarifário ou restrição do consumo de energia, como se a única responsabilidade fosse do consumidor”, critica. Segundo Bermann, a questão da energia elétrica no país vai muito além de uma crise energética, mas é social. “Quando você vê a população de baixa renda buscando alternativas para garantir segurança energética, como uso de álcool e fogão a lenha, notamos a desigualdade vexatória no país e a necessidade de políticas públicas voltadas para as classes sociais menos favorecidas, principalmente com as consequências da pandemia”, argumenta.

\*Estagiário sob a supervisão de Rosana Hessel

## ONGs ainda fazem a diferença

Diante da crise, grupos e Organizações Não-Governamentais (ONGs) fazem a diferença na missão que, segundo os especialistas, deveria ser do Estado, especialmente com a pandemia da covid-19 no país.

Um desses grupos que vai aonde o governo federal não toma conhecimento é a Pastoral do Povo da Rua, em São Paulo, referência no combate à pobreza e à fome na maior cidade do Brasil, coordenada pelo padre Júlio Lancellotti. Aos 72 anos, faça chuva ou faça sol, todos os dias, Lancellotti distribui alimentos e máscaras para centenas de pessoas em situação de rua, geralmente no Centro São Martinho, no bairro da Mooca, na Zona Leste de São Paulo.

Com jaleco branco e máscara de respiração com filtro embutido, o padre, que virou referência de caridade por meio das redes sociais, fala sobre o momento difícil que os mais pobres enfrentam e descreve o sentimento “agridoce” que experimenta em sua rotina diária de ajuda aos necessitados. “Tem um momento de dureza muito grande de ver a agudeza da fome e o aumento da necessidade. E, também, tem o momento de relacionamento com as pessoas e de descobrir junto com eles os caminhos que podemos construir”, diz o padre, que mantém a esperança de que esse cenário mudará.

De acordo com um estudo feito pelo economista Daniel Duque, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), apenas três estados (Acre, Pará e Tocantins) não registraram aumento da pobreza na pandemia, entre novembro de 2019 e janeiro de 2021. Em São

aniel Kfourri / Instagram



Padre Julio Lancellotti: devemos resistir e lutar pela transformação

Paulo, onde o padre Lancellotti atua, a população pobre chegou a 19,7%, alta de 5,9 pontos percentuais em relação aos 13,8% do final de 2019. O missionário acredita que vai levar tempo para o Brasil reverter a situação calamitosa que a cidade e o país vivem. Ele conta, ainda, que as iniciativas de ajuda da pastoral não contam com apoio de prefeituras ou governos, e que são sustentadas por meio de doações que chegam diariamente à sua paróquia, a de São Miguel Arcanjo. Segundo o religioso, o suporte das autoridades vem sempre com discursos e palavras, e não por meio de ações concretas. “Não tem apoio, a pessoa pode sorrir, ser simpática, te receber, tomar um café com você, mas isso não muda nada. Não existem políticas transformadoras no Brasil. Quem está no poder não quer mudança”, lamenta.

Representante da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) no Brasil, Rafael Zavala relata que somente durante a pandemia, cerca de 100 milhões de pessoas em todo o mundo começaram a passar fome. O número total é de aproximadamente 800 milhões, sendo que 20 milhões moram no Brasil. No Distrito Federal, a população pobre foi de 12,9% para 20,8% neste período.

O aumento da fome e da miséria durante a pandemia assusta Lancellotti que, há mais de 30 anos, se dedica ao trabalho missionário de levar comida, cobertores e itens de higiene à população de rua. O padre, porém, parece não acreditar em uma atitude positiva dos governos, sem pressão popular. Para ele, sem uma mobilização da sociedade, o país pode chegar a uma situação ainda pior. “Já estamos vivendo esse processo histórico. Ainda não chegamos no fundo do poço, mas é capaz de chegarmos”, alerta o padre, que o atual modelo econômico como o grande culpado pelo aumento da pobreza. “A fome é resultado sem dúvida do sistema neoliberal. É a lógica desse sistema, que é o descarte e a fome”, critica.

Questionado pelo Correio sobre qual a melhor forma de mudar essa situação, o padre diz que não há fórmula mágica, a não ser com a população resistindo e lutando por uma transformação social. “Todos nós temos que fazer nosso papel para que essa mudança aconteça. Devemos resistir e lutar por um processo histórico de transformação. Agora, como essa mudança vai se dar, não tem nenhuma receita pronta”, conclui. (FF e BL)

# PO NEWS

EDIÇÃO Nº 818 | ANO 46

17 DE OUTUBRO DE 2021 | BRASÍLIA/DF

## AÇÃO SOCIAL

PAULOCTAVIO COLABORA COM A RECUPERAÇÃO DO CASEB

**Primeira e mais tradicional escola de Brasília, o Centro de Ensino Fundamental Caseb, na Asa Sul, está de cara nova.** A unidade educacional passou por reforma completa nos últimos meses, após ser parcialmente destruída por um incêndio. Por meio do programa Adote uma Escola, a primeira-dama do DF, Mayara Noronha, ex-aluna do colégio, capitaneou a parceria entre os setores público e privado.

**O empresário Paulo Octávio, que doou 1,2 mil litros de tinta para pintura do espaço, também estudou na inovadora escola.** “O Caseb é uma marca da cidade, onde aprendi muito, graças a práticas educativas inovadoras e professores preparados, uma herança de JK em um momento muito rico e de renovação do sistema educacional brasileiro. Sou grato porque aqui moldei minha personalidade e caráter”, disse, em seu discurso.

**Erguido em uma área de 55 mil metros quadrados, o renovado Caseb, na 909 Sul, tem dez blocos; laboratório de informática; auditório; ginásio poliesportivo; sala de leitura; refeitório; quatro quadras poliesportivas; galpão multiuso; bloco de laboratórios e pátio coberto.**

www.paulooctavio.com.br